

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

236

INSCRIÇÕES 817-818



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

ESTRANHA DEDICATÓRIA A LÚCIO VERO

Marta Páscoa defendeu, em 2002, dissertação de Mestrado em História Regional e Local sobre a actividade de Frei Francisco de Oliveira (1707/1766), dando conta de como os escritos deste sacerdote acerca do Alentejo podem contribuir para melhor se conhecer como era feita a escrita da História Regional e Local no século XVIII.¹ O II volume é o Apêndice Documental, onde se transcrevem, por exemplo, passagens significativas do manuscrito do Arquivo Municipal de Beja a que Fr. Francisco de Oliveira deu o título de *Memórias para a História da Província do Alentejo*².

Conhecíamos já o interesse de Frei Francisco pelas antiguidades romanas, mormente pelas epígrafes, porque teve o cuidado de fazer cópia de uma inscrição que encontrou e mandou embutir na parede sobre a porta sul da igreja matriz de Cuba (FIG. 1). No final do texto (FIG. 2) não resistiu a escrever F I O R A D MDCCXXIV, ou seja F(*ranciscus*) I(*osephus*) O(*liveira*) R(*efecit*) *Anno Domini* MDCCXXIV.

Transcreve Marta Páscoa (p. 24 do II volume) a passagem em que Frei Francisco diz que enobreceram os Romanos a cidade de Lisboa «com a majestosa fábrica da via militar e cloacas, sendo

¹ PÁSCOA (Marta Cristina Relvas Janeiro), *Fr. Francisco de Oliveira – A escrita da História Regional e Local no século XVIII* [Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – Departamento de História – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa], Lisboa, 2002. 2 volumes.

² OLIVEIRA (Fr. Francisco), *Memórias para a História da Província do Alentejo divididas em duas partes. Comprehende a primeira a fundação da cidade de Beja e de todas as terras do seu dilatado termo. Descreve a segunda as vilas e aldeyas que se encerram dentro da sua extença comarca*. Manuscrito sem data. Arquivo Municipal de Beja (Fundos Vários nº 8, caixa 2).

aquela a obra mais útil e magnífica que fabricaram por todas as terras do seu dilatado domínio».

Levem-se os adjectivos à conta do espírito de exaltação habitual na época; acontece, porém, que se desenha, de seguida, o itinerário da via, assim:

«Saía ela de Lisboa e desembarcava em Equabona, hoje Coina, porque ali chegava o Tejo. Dali caminhava por terra té embarcar para Cetobriga (Tróia), donde voltava e por terra discorria não longe do sítio do Pinheiro, onde havia esta inscrição:

L. Elio Aureli-
o Commodo
Imp. Antoni-
ni Aug. Pii P. P.
Filio Cos. de-
signato P. M.
D. D. »

Dá conta, depois, que a via, passando, por exemplo, por Marateca, seguia para Salácia, «hoje, Alcácer do Sal, onde, nas casas do capitão-mor, Manuel de Arés Pessanha, situadas dentro no castelo, em uma das janelas que olha para o norte, vi em uma pedra a seguinte inscrição:

Hus Pr. Caesarum
Perpe Flamen pe.....
Pr. Fabu Tr mii D. P.....»

Conhece-se esta última epígrafe. A comparação com o que temos (IRCP 189) e o que Fr. Francisco Oliveira leu mostra-nos que não andou muito longe do que hoje se lê, com melhores condições e não sendo do chão para uma janela (FIG. 3).

Duas conclusões, portanto:

- 1) O frade procurava ter rigor no que copiava.
- 2) Retirando, como se disse, os adjectivos encomiásticos, não transparece do texto nenhuma vontade de aduzir provas para demonstrar antiguidade. A cópia do texto não vem acompanhada de nenhum comentário, nomeadamente acerca da sua eventual importância e significado histórico. Aliás, veja-se também como é

com toda a simplicidade que se acrescenta em nota à palavra Tróia a informação: «Em 1759, se achou no sítio de Tróia uma estátua de mulher feita de mármore».

3) Das duas premissas se poderá concluir pela veracidade da informação acerca do achado, no Pinheiro, da referida inscrição, até agora, que saibamos, não tida em consideração.

É sobre este testemunho que importa, pois, reflectir.

O sacerdote – ao contrário do que afirma em relação à epígrafe de Alcácer, «vi em uma pedra» – limitou-se aqui a referir «havia uma inscrição». Deduz-se pelo uso do pretérito imperfeito que terá obtido de outrem essa informação. Importa descobrir quem e em que termos. Certo é, todavia, que não parece haver qualquer dúvida na leitura e mesmo Elio por Aelio se compreende, se pensarmos na possibilidade de, na pedra, ter estado o nexa Æ. O texto obedece a todas as regras epigráficas e podemos desdobrá-lo assim:³

L(ucio) AELIO AVRELI/O COMMODO / IMP(eratoris)
ANTONI/NI AVG(usti) PII P(atris) P(atriae) / ⁵ FILIO CO(n)S(uli)
DE/SIGNATO P(ontifici) M(aximo) / D(ecreto) D(ecurionum).

A Lúcio Élio Aurélio Cómodo, filho do imperador Antonino Augusto Pio, Pai da Pátria, cônsul designado, pontífice máximo – por decreto dos decuriões.

Estamos perante uma dedicatória a Lúcio Vero, que é apresentado como filho do imperador reinante Antonino Pio, como cônsul designado e dotado do sumo pontificado. Dado que assumiu o seu primeiro consulado em 154, esta epígrafe deve datar-se de finais do ano 153, altura em que já se conhecia quem iria ser o cônsul do ano seguinte.

Se, em si, a ocorrência de uma dedicatória a Lúcio Vero nesta área da Lusitânia não causa estranheza, na medida em que, por exemplo, se conhece a que a colónia de *Pax Iulia* lhe fez (IRCP 291), a perplexidade deriva da circunstância de, aparentemente, a epígrafe ter existido num contexto não urbano – como a sentença final «por decreto dos decuriões» postula – mas de um local donde, até ao presente, só se conhecem cinco fornos cerâmicos.

³ Os pontos patentes no texto veiculado pelo sacerdote não os podemos tomar como sinais de pontuação, mas sim como indicativos de siglas e abreviaturas.

De facto, não sofre contestação considerar que a referência do Padre Francisco Oliveira diga respeito à Herdade do Pinheiro (freguesia de Santa Maria do Castelo, concelho de Alcácer do Sal), atendendo, inclusive, à lógica da descrição do percurso da via em direcção a *Salacia*. Mas tanto os descobridores dos fornos⁴, como o que posteriormente sobre o local se escreveu, não dão a entender a existência, perto, de um aglomerado populacional, a não ser precisamente *Salacia*. De facto, Jorge Alarcão, na sua síntese,⁵ apenas assinala «três fornos para a cozedura de ânforas tipos Dressel 14 e 30, Almagro 50 e 51. Algumas dezenas de metros a nordeste, uma necrópole». E no Portal do Arqueólogo a descrição do sítio é a seguinte:

«Conjunto de cinco fornos. Dois deles são contíguos, muito bem construídos com adobes e tijolos cerâmicos e apresentando uma fachada de pedra. A maior parte dos arcos ainda se conserva, bem como alguns vestígios da grelha, constituindo até à data os fornos romanos melhor preservados de Portugal. Este centro de fabrico funcionou do século I ao século V, tendo fabricado os seguintes tipos de ânfora: Dressel 14b (século I - século II), Almagro 51c antiga (século III), Almagro 51c tardia, Almagro 51 a/b e, pelo menos, mais uma forma que não consta das tipologias conhecidas. Para além das ânforas o centro produziu telha, tijolo e cerâmicas comuns. CNANS nº 5285, sítio relacionável com actividade portuária: escoamento por via fluvial».

Por conseguinte, enquanto novos dados não surgirem e tendo por autêntica a epígrafe, resta-nos admitir que poderá ter havido uma razão – de expresso interesse imperial pela actividade produtiva aí desenvolvida? – para que os decuriões de *Salacia* tenham mandado colocar ali, certamente com pompa, esse seu preito de homenagem ao futuro imperador, a exemplo da colónia de *Pax Iulia*.

Teve o Doutor Jorge Alarcão a gentileza de me recordar que também a inscrição de Beja fora encontrada numa *villa* dos arredores da cidade, pelo que poderá não causar estranheza esta ‘deslocação’ da epígrafe de um contexto, que seria urbano, para a zona dos fornos,

⁴ ALMEIDA (Fernando de), ZBYZEWSKY (Georges) e FERREIRA (Fernando Bandeira), «Descoberta de fornos lusitano-romanos na região de Marateca (Setúbal)», *O Arqueólogo Português*, 3ª série, 5, 1971, p. 155-166.

⁵ ALARCÃO (J. de), *Roman Portugal*. 2 vol. Warminster, 1988, II/2, nº 5/336.

quer porque poderia ter sido para aí levada, em tempos ‘modernos’, pelo proprietário, quer porque os fornos de ânforas do Pinheiro poderiam ter sido propriedade pública de *Salacia* e, neste caso, uma dedicatória ao imperador não seria despropositada.

De resto, não sendo abundantes as dedicatórias peninsulares a Lúcio Vero – no seu tempo, Robert Étienne assinalou «7 em comum para Marco Aurélio e Lúcio Vero, 10 para Marco Aurélio, 8 para Lúcio Vero e 6 para Faustina»⁶ – certo é que esse período correspondeu, ainda segundo aquele investigador, a um «período de florescimento do culto imperial» (*ibidem*).

Por detrás dele estão, sem dúvida, razões também de estratégia política local, que o governo central apoiaria, dado o interesse económico que resultava do bom entendimento entre as partes.

Nesse aspecto, não será despropositado chamar à colação o triângulo de que esta epígrafe pode assinalar um dos vértices: *Salacia*, *Pax Iulia* e *Ammaia*. De *Ammaia*, recorde-se, que já no tempo de Cláudio merecera uma atenção muito especial (cf. IRCP 615, datável dos primeiros anos da década de 40 d. C., em que ainda não recebera o estatuto municipal), temos, dos finais de 166, a homenagem prestada pelos *municipes Ammaienses* (IRCP 616). *Salacia*, grande centro produtor de vasilhame e porto de mar de valor indesmentível; *Pax Iulia*, relevante do ponto de vista político, mas também económico (relação com *Myrtilis* e, por ela, com o Mediterrâneo, implantada na área da faixa piritosa de que o *vicus Vipascensis* era ponto fulcral); *Ammaia*, zona mineira também e, sobretudo, elo de ligação privilegiado com a capital *Emerita Augusta*.

Tudo parece, pois, bater historicamente certo. Resta agora investigar: onde é que Frei Francisco Oliveira colheu a informação do achado desta epígrafe ‘no Pinheiro’?

JOSÉ D’ENCARNAÇÃO⁷

JORGE FEIO⁸

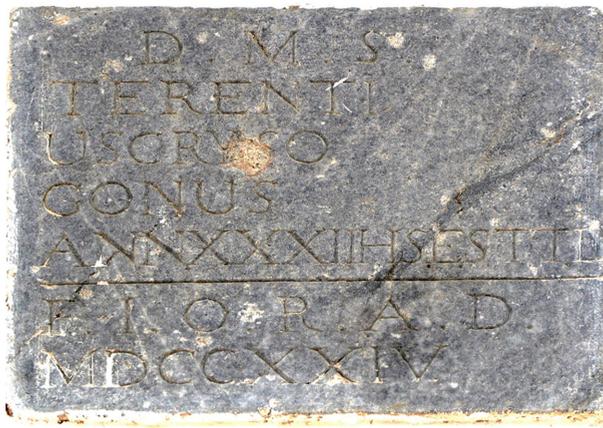
⁶ ÉTIENNE (Robert), *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d’Auguste à Dioclétien*. Paris, 1958, 1974 (reimp.), p. 478.

⁷ Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.

⁸ Arqueólogo da Câmara Municipal de Beja.



1



2



3

818